TC 1329-31

A SOLIDARIEDADE É A ARMA DOS CONDENADOS DA TERRA

(Comunicação do Grupo moçambicano de Solidariedade para com o Povo de Timor-Leste às V Jornadas de Timor da Universidade do Porto)

I

A solidariedade nos reúne aqui durante uma semana.
Diferentemente da cooperação, a solidariedade não espera reciprocidade de benefícios, nem se confina aos foros político, económico e ideológico, ou dos poderes instituídos.
A solidariedade é, principalmente, um dos maiores valores humanos gerais, a ponte da universalidade da nossa espécie.

Eu venho de Moçambique, um país que acumula a dupla experiência de receber e exercer solidariedade.
Aqui na Europa, particularmente, houve grupos de solidariedade muito activos no apoio à luta de libertação nacional de Moçambique.
Depois da independência nacional, o meu povo prestou intensa solidariedade, inclusivé militar, aos povos do Zimbabwe e da África do Sul, de tal modo que sacrificámos temporária, mas gravemente, o nosso próprio desenvolvimento e nos tornámos alvo de uma devastadora guerra.
Quando o Zimbabwe enviou posteriormente tropas para Moçambique, foi uma decisão política e um acto de solidariedade. Estes soldados não só protegeram o Corredor da Beira, vital para a economia zimbabweana, como contribuiram muito para a defesa da integridade da nação moçambicana. Foi uma operação extremamente dispendiosa para o orçamento de Harare.

As acções de solidariedade do nosso povo representaram para o país prejuízos financeiros em valores astronómicos, mas significaram sobretudo uma enorme carga de sofrimento humano para nós próprios.

Hoje, o meu país é o "lanterna vermelha" de várias impressionantes listas e classificações da O.N.U. É o país de 80 dólares de rendimento "per cápita", uma terra onde poucos conseguem morrer de velhice, e menos ainda de congestão.
Em alguns círculos empresariais nacionais discute-se mesmo se somos ou não somos um país viável.
O próprio Presidente Chissano avisou que, se o processo de paz em Moçambique falhar, será uma catástrofe.

Porque estamos em reconstrução nacional e em fase de consolidação da paz, seria justificado que os moçambicanos se concentrassem exclusivamente nas tarefas do seu país.
No entanto, aqui estamos, prontos à solidariedade para com o povo de Timor-Leste, porque a solidariedade é uma constante e uma lição da prática social moçambicana, uma das coisas boas e bonitas do meu país, pois não somos somente desgraças e tragédias.

É com prazer que estamos hoje em Portugal, porque este é o país-sede da solidariedade para com a causa maubere, e porque a opinião pública portuguesa já promoveu aqui, por diversas vezes, acções de solidariedade para com o meu povo. Ainda recentemente, a Sra.Dra.Maria Barroso visitou Moçambique em missão de apoio à criança, a maior vítima da guerra terminada a 4 de Outubro último.
Recordo que foi aqui em Lisboa, em 1985, no "Abraço a Moçambique", que Maria Guinot frisou que a solidariedade não é só para o exterior e que tem de começar dentro das próprias fronteiras nacionais, entre os cidadãos de cada país.

Estas são dimensões da solidariedade que queríamos aqui sublinhar. Ela é uma corrente sem início, nem fim.
O futuro Timor-Leste independente saberá, certamente, ser solidário para com outros povos.

II

Creio que o grupo, que represento, é o de constituição mais recente no movimento internacional de apoio a Timor-Leste. Estamos a trabalhar apenas há 18 meses.
Contudo, a solidariedade moçambicana para com Timor-Leste começou a manifestar-se em 1975, quando vários líderes mauberes visitaram Maputo, e foi reforçada logo que se tomou conhecimento da invasão indonésia.
Devido à organização política adoptada por Moçambique, a solidariedade dos cidadãos exercia-se em formas diferentes das actuais.

Hoje, em regime de opção pluripartidária, os moçambicanos são chamados a auto-organizarem-se. Assim, os amigos de Timor-Leste agruparam-se unitariamente, isto é, quem em Moçambique quiser fazer esta solidariedade será membro do nosso grupo ou formará uma secção local do mesmo.
O nosso grupo acredita que o mundo actual está um pouco mais favorável a uma solução justa da questão maubere.
Não é casual sermos o primeiro país dos Cinco a ter um grupo de solidariedade pró-Timor. Moçambique e os Cinco tiveram sempre um papel relevante no apoio aos mauberes.
Quando na potência administrante de Timor-Leste e em quase todo o mundo imperou um pesado e longo silêncio sobre a causa maubere, ouvia-se apenas uma única voz vigorosa a bater-se por Timor - eram os Cinco, nas suas cimeiras ou nos grandes areópagos internacionais.
Mesmo que venham a surgir dificuldades no apoio dos Cinco à causa maubere, a história não esquecerá o contributo deste grupo de estados, que não precisou de um massacre de Díli para ser mobilizado a favor de Timor.
A história rezará também que, Portugal soube retomar posteriormente as suas obrigações para com Timor-Leste e bater-se pelos mauberes com firmeza, coerência e consequência.

Como iniciados em eventos internacionais pró-Timor, viémos principalmente ouvir, aprender e actualizar-mo-nos. Não se pode esperar um sólido contributo nosso a este encontro.

Em Moçambique não é difícil apoiar Timor-Leste. Todo o moçambicano, sensibilizado pela sua própria história e experiência colonial, de libertação nacional e de auto-determinação do país, compreende e apoia o povo maubere.
No meu país, Timor-Leste beneficia da solidariedade do partido no poder, do governo, dos 18 novos partidos, dos parlamentares, dos jornalistas, dos crentes e líderes religiosos e dos cidadãos em geral.

Vai para dois anos que o governo moçambicano estabeleceu relações diplomáticas com a Indonésia, avisando desde logo que, não ia desarmar o seu apoio aos mauberes. De facto, o governo soube salvaguardar esta posição, impondo marcha reduzida no relacionamento político com a Indonésia e evitando caír na sua dependência económica.
Mas, Jacarta conhece as carências de Moçambique e exerce pressão para a normalização das relações, esperando abater a médio prazo um importante apoio a Timor-Leste.
A preocupação central do nosso trabalho de solidariedade é, portanto, criar uma forte opinião pública nacional, que seja o escudo com que o governo possa defender-se face às investidas indonésias.

III

Sucintamente, é a seguinte a nossa apreciação global à questão maubere:

a) os timorenses venceram a Indonésia no plano político, diplomático, moral e cultural. Foi particularmente demolidor o golpe assestado por Xanana à estratégia de Jacarta;
b) em Timor-Leste a Indonésia detém actualmente a iniciativa no plano militar e de segurança;
c) como questão internacional, TL atingiu um nível, que ultrapassou substancialmente os melhores momentos desta causa nos anos 75-82. Se, anteriormente, TL tinha o apoio de muitos estados, era contudo ignorado pelas potências mundiais decisivas. Hoje, o apoio não é tão amplo, mas nele tendem a participar governos com suficiente capacidade de influência positiva sobre a Indonésia, se quiserem fazer uso dela.

Por estas razões e porque o mundo é actualmente mais sensível aos nacionalismos oprimidos, a data do massacre de Díli poderá entrar na história como o início da etapa final da ocupação de Timor-Leste pela Indonésia.

Porém, estamos preocupados, porque ainda não é visível a justa solução da questão timorense. Dado o peso da mentalidade militarista no poder

político, em Jacarta, e porque a comunidade internacional não aplica medidas coercivas sobre a Indonésia, a batalha maubere será longa. Uma tal luta prolongada exige uma preparação mais cuidadosa e profunda, para se poder manter o nível do apoio dos governos aliados, dos amigos solidários e da opinião pública.

Neste sentido é importante preparar-mo-nos para responder aos desafios dos próximos anos. Temos de ter respostas para assegurar um apoio e uma solidariedade longas para com o povo de Timor-Leste.

Assim, gostaríamos que os participantes destas jornadas fizéssem as suas reflexões sobre os seguintes quatro aspectos:

1º) Vai para cinco anos que terminou formalmente o conflito Leste-Oeste, mas a Indonésia não se retirou de Timor-Leste. Este conflito era o principal argumento para "explicar" a invasão.

Outro argumento, frequentemente utilizado, diz que a Indonésia não pode conceder independência a TL porque teme um ressurgimento de separatismos noutras ilhas. Não nos parece um argumento convincente, pois Jacarta já demonstrou suficiente capacidade militar para suster guerrilhas.

Se o mundo mudou e TL, internamente, piorou, até onde mudou o mundo de facto?

Como se coloca hoje o tema "As Relações Internacionais e Timor-Leste"?

Será TL o caso didáctico comprovativo de que o fosso Norte/Sul é a nova forma de conflito Leste-Oeste?

Em que é que se alterou o aspecto internacional e estratégico da Indonésia e de Timor-Leste?

Que interesses regionais estão em jogo? O que querem os E.U.A., a C.E.E. e o Japão do sueste asiático, e como se insere TL em tais desígnios?

Resumidamente, que visão tem o Ocidente sobre o mundo actual? Que paradigma analítico global subjaz tal visão e que decisões estratégicas é que ele possibilita?

2º) É intensa a propaganda indonésia na comunidade internacional. Não devemos subestimar a sua força e efeitos, nem esquecer que a sua regra é a mentira.

Como contrariar esta propaganda? O que podemos fazer em termos de contra-propaganda? Temos de estudar como se fáz contra-propaganda e criar o mecanismo para a realizar.

São vários os temas em que devíamos refutar os indonésios: a imagem de Xanana, a relação entre os direitos humanos e a auto-determinação, o modo como colocam TL na controvérsia Norte/Sul sobre os direitos humanos, a declaração de Balibó, as recém-nascidas teses sobre a re-

conciliação maubere, o quadro que Alatas pinta sobre Portugal, a refinada aproximação de Jacarta aos Cinco, certos apelos ao realismo e ao pragmatismo, etc.

A propósito de reconciliação maubere queremos dizer que, ela foi há muito iniciada por Xanana Gusmão ao criar o Conselho Nacional da Resistência Maubere a 7.12.88. A ideia do C.N.R.M. já continha e contém o processo de reconciliação, embora Xanana não tenha usado tal conceito, pois não fazia parte do então vocabulário político internacional.
É a reconciliação, conduzida por Xanana, que temos de apoiar.

Permitam-me saudar os jornalistas de Moçambique e Portugal, que dia-a-dia levam a causa maubere à opinião pública.
Sugerimos aos jornalistas que critiquem e comentem as fontes informativas e de propaganda indonésias. Os critérios de isenção e objectividade jornalística, subjacentes à apresentação de TL e da Indonésia, podem ser aperfeiçoados, de modo a permitir distinguir bem os pesos específicos da causa justa e da causa injusta, a diferenciar a natureza do invadido e a do invasor, e a levar em conta que em termos de meios é extremamente desigual a luta entre os mauberes e a Indonésia no plano da informação e propaganda.
Não vemos impedimentos a que os grupos de solidariedade e os jornalistas trabalhem estreitamente unidos nestes assuntos.

3º) A derrota militar da guerrilha maubere tem de ser encarada como fenómeno temporário. Timor-Leste já passou por crise semelhante e soube vencê-la.
Foi a guerrilha maubere que elevou a questão timorense ao nível a que ela está hoje, mesmo que os combatentes estejam agora dispersos.
No mundo diplomático e nas mesas negociais a razão das armas continua a pesar, infelizmente, mais que as armas da razão.
É quase desumano pedir aos mauberes mais um esforço militar, mas temos mesmo de o pedir, para convencer a comunidade internacional e retirar aos militares indonésios o seu único trunfo.
É necessário reorganizar e retomar a guerrilha, articulando-a com as restantes tarefas da resistência nacional timorense.

4º) Em paralelo aos esforços de Boutros Ghali, decorre um intenso manobrismo em torno da questão maubere, que muito nos preocupa. São manobras teleguiadas de Jacarta, gozam da cumplicidade de alguns círculos políticos e económicos portugueses e ocidentais, e são executadas com a colaboração de certos timorenses pró-integração, prontos a cavalgar o seu povo.
A nossa experiência de libertação nacional na África Austral permite-nos decifrar o sentido destas manobras: elas pretendem absti-

tuir a solução internacional da questão timorense por uma solução interna, favorável a Jacarta; pretendem anular o papel da O.N.U., evitar o referendo, a auto-determinação e a independência genuína, e promover a passagem da actual situação colonial a um estado neo-colonial.

Em Moçambique ninguém aprova, nem se identifica com tais manobras.

As instituições indonésias agem em bloco unido e coordenado contra Timor-Leste. A resistência maubere tem de responder em forma idêntica. Iniciativas individuais espontâneas de líderes nacionalistas mauberes, mesmo que bem intencionadas e enquadradas na estratégia geral da resistência, não são recomendáveis, nem próprias desta fase. É a fase em que a UNIDADE do povo, das organizações e dos líderes, constitui a arma mais acutilante.

IV

Finalmente, queríamos apresentar a estas jornadas várias propostas:

1ª) que sejam nossas batalhas fundamentais a libertação de Xanana e Ma'Huno, as negociações e solução do problema timorense no quadro da O.N.U. e a imprescindível participação da resistência maubere em todo este processo;

2ª) apoiármos energicamente a criação a breve prazo da convenção maubere no exterior, o orgão unitário representativo de todos os timorenses e dos superiores interesses nacionais de Timor-Leste, que devem prevalecer sobre os interesses partidários.
Porque as organizações timorenses conservarão contudo a sua identidade e autonomia, queremos convidar não só a convenção, mas também a União Democrática Timorense(U.D.T.) e a Igreja de Timor-Leste a designarem os seus representantes permanentes em Moçambique, para também de Maputo contribuirmos para o reforço da UNIDADE da família maubere;

3ª) que Portugal e os Cinco mantenham estreita coordenação no apoio a Timor-Leste;

4ª) que se estude um mecanismo de criação de grupos de solidariedade pró-Timor em Cabo Verde, Guiné-Bissau, S.Tomé e Príncipe e Angola;

5ª) que se funde um Centro de Estudos Mauberes, talvez em Portugal, que seja também um serviço distribuidor de documentação. Este centro tem de ser dirigido por intelectuais timorenses, que simultaneamente se encarregarão de estabelecer a ligação entre todos os grupos de solidariedade, e entre estes e os académicos.
Que esta iniciativa estabeleça a unificação entre o estudo da causa maubere e o exercício da solidariedade, generalizando a ideia básica destas jornadas. Que os agentes da solidariedade, estudando os textos

dos académicos, fortaleçam os seus argumentos junto da opinião pública, e que os académicos participem mais activamente na solidariedade.
Que todos publiquemos artigos.

Quando amanhã triunfar a luta de libertação nacional timorense, não nos esqueçamos todos que, talvez ainda estejam a precisar do nosso apoio os palestinos, os saharauis, os curdos, os tamis, os tibetanos, os cubanos, os índios brasileiros, as vítimas do racismo, os deserdados do chamado diálogo Norte/Sul, e várias minorias, maiorias e povos amordaçados, que continuam esperando o seu mundo melhor.

Agradeço à Universidade do Porto ter convidado Moçambique para estas jornadas.
Obrigado aos participantes pela atenção com que me ouviram.

Por Timor-Leste, a Luta Continua!
Timor-Leste vencerá!

Maputo/Lisboa, Julho de 1993